



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL CAMPUS CERRO LARGO  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUES E ESPANHOL**

**LUCIA LOPES DO AMARANTE**

**A REPRESENTAÇÃO DA MORTE EM *ENQUANTO A NOITE NÃO CHEGA*, DE  
JOSUÉ GUIMARÃES**

**CERRO LARGO 2022  
LUCIA LOPES DO AMARANTE**

**A REPRESENTAÇÃO DA MORTE EM *ENQUANTO A NOITE NÃO CHEGA*, DE  
JOSUÉ GUIMARÃES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de licenciatura em Letras Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Espanhola.

Orientador: Prof. Dr. Demétrio Alves Paz

**CERRO LARGO 2022**

**Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Amarante, Lucia Lopes do  
A REPRESENTAÇÃO DA MORTE EM ENQUANTO A NOITE NÃO  
CHEGA, DE JOSUÉ GUIMARÃES / Lucia Lopes do Amarante. --  
2022.  
29 f.

Orientador: Professor Doutor Demétrio Alves Paz

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Licenciatura em Letras - Português e Espanhol, Cerro  
Largo,RS, 2022.

1. literatura. 2. regionalismo. 3. simbolismo. 4.  
análises. I. Paz, Demétrio Alves, orient. II.  
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Lucia Lopes do Amarante

"A representação da morte em *Enquanto a noite não chega*, de Josué Guimarães."

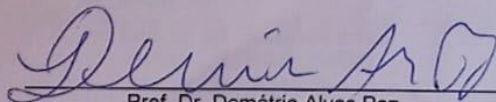
Trabalho de conclusão do curso de graduação apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras: Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Demétrio Alves Paz

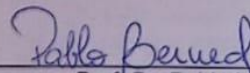
Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

17/08/2022

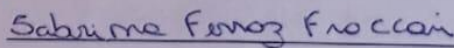
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Demétrio Alves Paz  
UFFS – CERRO LARGO  
(Presidente/Orientador)



Prof. Dr. Pablo Lemos Berned  
UFFS- CERRO LARGO  
Banca



Profª. Sabrina Fraccari Ferraz  
Banca



Dedico este trabalho a Carmem Lúcia e Adão Lopes, meus avôs, que não pouparam esforços e incentivo para que eu pudesse estudar.

## AGRADECIMENTOS

“Habr  que inventarse una salida, que el destino no nos tome las medidas, hay esperanza en la deriva”

Vetusta Morla

Por saber que andei, por muito tempo, navegando em águas desconhecidas, velejando rumo a sonhos e vontades que eu nem sabia que tinha, mas que eram maiores que eu, e por jamais desacreditarem de mim, mesmo que muitas vezes estivesse perdida num oceano de “e se...?”.

Agradeço, a minha família, por vezes estranha, mas que sempre esteve ao meu lado; Minha família, formada em sua maioria por professores ou profissionais da área da educa o, e fez de tudo para que eu pudesse me dedicar apenas ao estudo, pois acreditam no poder da educa o e como ela transforma realidades.

Em especial, agradeço, a minha mãe Raquele, que sempre me tirou da zona de conforto, e nunca me permitiu desistir; que sempre foi um esteio, segurou, e segura, as pontas de ser mãe solo de dois filhos, e que em hipótese alguma deixou algum deles desamparados em rela o aos seus sonhos. Minha mãe que sempre foi minha melhor amiga e meu abrigo.

Ao meu irmão, Afonso, por entender a ausência da mana, e cuidar da mamãe durante a semana.

Minha tias Michele e N dia, e minha avó Carmem Lúcia (in memoriam) que no início da gradua o, ainda no curso de física, faziam 60 km tr s noites por semana para me buscar e me levar para casa após a aula, permitindo que eu finalizasse o estágio do Magistério e permanecesse cursando o ensino superior.

Tia Miche, Tio Ju e Manu, pelo incentivo diário, pelos livros, pelo carinho e por lutarem por mim quando muitas vezes eu não tive força de fazer isso.

Tia Eme e Tio Mau, por mesmo de longe, serem presentes e estarem ao meu lado sempre.

Aos meus amigos, em especial, Jason, Luan, Caio e Lucas, por estarem ao meu lado e por entenderem que as vezes, precisamos estar longe, mas que jamais, me deixaram sozinha, foram meu suporte, o alívio e o conforto.

Aos meus av s Carmem Lúcia e Adão (in memoriam), que fizeram o possível e o impossível para me manter em Cerro Largo, e chegar ao fim da gradua o, infelizmente, não poderão estar junto comigo neste momento ímpar, fisicamente, pois sei que onde quer que estejam estarão olhando por mim e vibrando a cada conquista. Por fim, agradeço a Universidade Federal da Fronteira Sul, pública, gratuita e de qualidade, que junto a cidade de Cerro Largo, me acolheu no sonho do ensino superior, com sua estrutura de primeira linha, professores e funcionários qualificados, talentosos e atenciosos, buscando sempre o melhor para seus alunos.

E claro, ao meu (des)orientador, Professor Doutor Demétrio Alves Paz, que, desde a primeira fase do curso, me cativou de uma forma que jamais saberei descrever, e me auxiliou ao longo desde trabalho que teve início em meio ao período mais turbulento da vida desta estudante. Agradeço por nunca desistir da educa o, e claro, de mim, agradeço, por ser jardineiro e nunca, jamais, aparador de grama.

“Calam mais alto, mais fundo  
as pequenas alegrias... E o  
pão dos últimos dias já é um  
pão de outro mundo!”  
(Mario Quintana, Canções.)

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso pesquisa, por meio do viés de estudo dos símbolos, a representação da morte da obra literária de Josué Guimarães, *Enquanto a noite não chega*, publicada em 1978. O objetivo principal é analisar, através de passagens do texto, a simbologia presente ao longo da narrativa e encontrar no decorrer dessa análise as representações da morte presentes na história, além de conhecer os principais elementos que dão sentido à obra e como se relacionam com o estilo da escrita do autor. A pesquisa foi realizada de forma bibliográfica tendo como principais referências os estudos de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2020) e Juan Eduardo Cirlot (1984) na área de estudo dos símbolos. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2020), os símbolos estão no centro, são cerne da vida imaginativa. Portanto, pesquisá-los nos permite transitar por diferentes vertentes e ter diferentes olhares acerca de assuntos que muitas vezes fazem parte no nosso cotidiano. No caso de *Enquanto a noite não chega*, os símbolos estão difundidos ao longo do enredo, construindo um texto de grande carga dramática e simbólica, ao passo que dentro desta simbologia encontramos componentes como cores e elementos da natureza que contribuem fortemente para o entendimento do sentido da obra.

**Palavras-chave:** Simbolismo. Literatura. Análise. Regionalismo



## RESUMEN

Este Trabajo de Final de Curso investiga, a través del estudio de los símbolos, la representación de la muerte en la obra literaria de Josué Guimarães, *Mientras la noche no sea suficiente*, publicada en 1978. El objetivo principal es analizar, a través de pasajes del texto, el simbolismo presente a lo largo de la narración y encontrar, en el transcurso de este análisis, las representaciones de la muerte presentes en el relato, además de conocer los principales elementos que dan sentido a la obra y cómo se relacionan con el estilo de escritura del autor. La investigación se realizó de manera bibliográfica, teniendo como principales referentes los estudios de Jean Chevalier y Alain Gheerbrant (2020) y Juan Eduardo Cirlot (1984) en el área de estudio de los símbolos. Según Chevalier y Gheerbrant (2020), los símbolos están en el centro, están en el corazón de la vida imaginativa. Por lo tanto, investigarlos nos permite transitar por diferentes aspectos y tener diferentes perspectivas sobre temas que muchas veces forman parte de nuestra vida cotidiana. En el caso de *Mientras no llega la noche*, los símbolos se esparcen a lo largo de la trama, construyendo un texto de gran carga dramática y simbólica, mientras que dentro de esta simbología encontramos componentes como colores y elementos de la naturaleza que contribuyen fuertemente a la comprensión de el significado de la obra.

Palabras-clave: Simbolismo. Literatura. Análisis. Regionalismo

## SUMÁRIO

<b>1 -INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2- A ESCRITA DE JOSUÉ GUIMARÃES E O SIMBOLISMO.....</b>	<b>12</b>
<b>3. ENQUANTO A NOITE NÃO CHEGA: A NOITE, AS CORES, A MORTE.....</b>	<b>16</b>
<b>3.1 A NOITE: .....</b>	<b>16</b>
<b>3.2 AS CORES: .....</b>	<b>19</b>
<b>3.3 A MORTE.....</b>	<b>21</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS: .....</b>	<b>28</b>

## 1 -INTRODUÇÃO

Segundo Freud (2010), a morte nada mais é que o objetivo de toda vida, por muitos aceita como parte de um ciclo; por outros, vista como o triste fim para si ou pessoas amadas, mas, mesmo gerando diferentes sensações, quando falamos sobre ela, sabemos que é parte biológica de todo ser vivo. No mundo literário, muitas vezes esse tema é abordado das mais diferentes perspectivas, encerrando aparições de personagens, sendo responsável pela grande revelação do enredo, entre outras mais.

É pensando no âmbito literário que este Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo analisar como se dá a representação da morte na obra *Enquanto a noite não chega*, publicada em 1978, por Josué Guimarães, bem como sua influência sobre os personagens envolvidos na trama, perpassados pelo tema ao longo da história.

Josué Marques Guimarães, nasceu em Porto Alegre, no ano de 1921. Construiu sua carreira e escreveu suas obras em um período curto, de 20 anos, destacando-se como jornalista e escritor de histórias infantis e infanto-juvenis e, junto a Érico Veríssimo, é considerado um dos escritores mais importantes do Rio Grande do Sul. Em seu livro, *Literatura Gaúcha*, Luís Augusto Fischer relata que suas obras se “estampavam a qualidade de sua fabulação, a vivacidade de seus enredos, e uma linguagem transparente, jornalística que imprimia um bom ritmo às histórias” (FISCHER, 2004, p. 120).

*Enquanto a noite não chega* retrata a realidade de uma pequena cidade no interior do Rio Grande do Sul, São Pedro, que há muito havia estado em seu tempo de maior glória, com seus comércios e sua sociedade em pleno funcionamento. Durante a ambientação do livro, ela já está em um estado de decadência e abandono, o que impede que a vida continue no local, tendo sido abandonada por todos os moradores, exceto pelos personagens principais da história, o casal de velhinhos, dona Conceição e Dom Eleutério. Por conta da idade e das más condições de saúde, o casal não conseguiu abandonar a cidade, e seu Teodoro, o coveiro, permanece apenas para cumprir com sua obrigação: enterrar os dois últimos moradores para, então, partir para outra cidade.

Josué Guimarães, na obra, versa sobre o cotidiano desses personagens e como suas vidas são marcadas pela espera da finitude, não apenas dos velhinhos,

mas do coveiro que, além de esperar a sua, também espera a do casal. Para retratar essa condição, o autor escolhe fazer uso de uma lírica sutil, de modo que, por meio de determinados símbolos, sugere o sentido da obra de forma delicada, convidando o leitor a transitar pela história com os olhos atentos e sensíveis.

Desse modo, esta pesquisa surgiu com a necessidade de explorar o universo deste romance, por meio de seus jogos e escolhas de palavras, utilizadas sutilmente, buscando construir o sentido da obra de acordo com a análise de símbolos que estão presentes em passagens marcantes do texto.

## 2- A ESCRITA DE JOSUÉ GUIMARÃES E O SIMBOLISMO

Em *Enquanto a noite não chega*, Josué Guimarães escreve sobre as fragilidades da vida humana, tomando para si uma perspectiva em terceira pessoa, apresentando um narrador onisciente e onipresente, que conhece os personagens em todo seu íntimo. Ao apresentar esse narrador, a obra atinge um lirismo surpreendente e uma suave poesia para que possa abordar os temas que permeiam a história.

O interesse em pesquisar essa obra surgiu justamente da observação do modo de escrita de Josué, que possui uma forma particular de transmitir sua mensagem. O romance é composto por diversos elementos que versam entre si e contribuem para o sentido final da obra, relacionando-se com o narrador e com o estilo do autor, que juntamente a Érico Veríssimo, destaca-se como um dos mais importantes da literatura no Rio Grande do Sul.

De acordo com o próprio autor, “Minha temática é sul-americana: o subdesenvolvimento, a miséria, o caldeamento das raças, a insegurança política e social, o caudilhismo, a passividade diante do destino, a ignorância, a doença, a crença de que ninguém muda nada, "estava escrito" (GUIMARÃES, 2006, p. 15)

Se pararmos para pensar, toda escrita está recheada de experiências ou crenças daquele que transfere suas ideias para o papel. Josué Guimaraes viu muito sobre a miséria humana em sua vida, durante a infância difícil, mas que não faltava nada, por isso percebe-se sua relação e posicionamento perante as guerras enfrentadas pela humanidade e o período ditatorial que se instaurou no Brasil, no qual Josué precisou se esconder atrás de um pseudônimo para que não sofresse as consequências do período, pois era um daqueles que tinham a coragem de se manifestar.

Quando nos deparamos com a forma de escrita da obra e quando somos capazes de vislumbrar seu tema principal, algumas escolhas de palavras passam a chamar a atenção para a construção da narrativa, tornando-se necessária a análise de sua simbologia. De acordo com Jean Chevalier (2020), os símbolos estão no centro, são cerne da vida imaginativa. Portanto, pesquisá-los nos permite transitar por diferentes vertentes e ter diferentes olhares acerca de assuntos que muitas vezes

fazem parte do nosso cotidiano. No caso de *Enquanto a noite não chega*, investigar como o uso de símbolos ligados à morte estão presentes na obra, sendo a noite, que aparece no título e em diversas passagens, penetrando a vida dos personagens, um dos objetos de análise.

Para auxiliar na análise da obra, realizamos uma pesquisa bibliográfica buscando conhecer mais dados sobre a vida do autor e do contexto em que a obra foi escrita, para que, assim, fosse possível compreender um pouco mais das motivações de Josué Guimarães a publicar a obra. Pesquisamos em livros, artigos, ensaios e entrevistas que abordaram a vida e obra do escritor.

De acordo com Alfredo Bosi, em *História concisa da literatura brasileira* (2015, p.486), é no contexto político da fase mais negra da ditadura militar, entre 64 e 74, que se estabelece uma divisão de águas na literatura brasileira. Neste período histórico, a literatura-reportagem faz um contraponto à época de censura, opressão e exílio que o país vinha passando. A obra de Josué Guimarães surge nesse momento, junto com a de outros autores, colocando em pauta o universo regional e o realismo da vida cotidiana.

Sua primeira obra, *Os Ladrões* (1970), foi premiada no Concurso de Contos do Paraná, promovido pelo Governo do Paraná e tido, nas décadas de 60 e 70, como o mais importante do Brasil, visto que consagrou e lançou autores como Rubem Fonseca e Dalton Trevisan. A partir daí, sua obra entra no foco não apenas dos censores da ditadura, mas também cai no gosto popular, por abordar temas relevantes de maneira clara e direta, utilizando a literatura como uma forma de conversar com o leitor e o tornar interessado. Regina Zilberman diz, em sua entrevista ao jornal Zero Hora, ao falar sobre o centenário do autor, comemorado em 7 de janeiro de 2021:

Assim como Érico e Moacyr, Josué não era afeito a maneirismos, mantinha uma linguagem clara e direta, com personagens bem construídos e enredos envolventes. – São três autores muito importantes porque se comunicam de modo profundo e com linguagem simples. São amigos do leitor. Tem muito escritor que gosta de torcer a cabeça do leitor. É preciso se comunicar com o leitor, e não brigar com ele – (ZILBERMAN, 2021).

Algo que chama atenção, quando pesquisamos Josué Guimarães, é sua constante comparação com o escritor Érico Veríssimo, por conta de sua escrita regional e coragem ao escrever sobre temas difíceis. O próprio Guimarães mesmo nega, ao afirmar que procura empregar “uma linguagem o mais possível nacional

justamente para compensar o tanto de regional que não consegue negar em sua ficção” (GUIMARÃES, 2006, p. 14), preferindo vincular sua obra a Graciliano Ramos e Jorge Amado, por exemplo.

Entretanto, Veríssimo perpetuou-se por mais tempo e é o mais lembrado dos dois por alguns motivos. Durante a mesma entrevista sobre o centenário de Guimarães, Luís Augusto Fischer abordou esse tema, ao dizer que Josué escreveu muito, mas não era de retomar, de refazer, tendo mais relação com o jornalismo à moda antiga, a pressão de produzir, de publicar. Ao que Zilberman complementa que a Josué lhe faltou tempo, pois o auge do escritor foram os anos 70, e a partir dos anos 1980, a literatura brasileira toma nova direção. A ficção mais histórica e política saiu um pouco do foco. As narrativas passam a ser mais subjetivas, de vanguarda, por isso Josué fica para trás.

Gilda Neves Bittencourt aborda, em seu livro *O conto Sul-Rio-Grandense: Tradição e Modernidade* (1999), características das obras de Josué e cita justamente entre as principais, a desmistificação do homem gaúcho como ser destemido é imbatível. Assim,

As narrativas curtas de Josué Guimarães, embora mantenham as linhas gerais do modelo real-naturalista que orientou a ficção regionalista tradicional, introduzem algumas modificações que alteram o modelo vigente do início do século. Fica evidente a preocupação de focalizar a decadência das oligarquias rurais com seus desmandos e autoritarismo. Desmistificando as qualidades identificadas do gaúcho tradicional, como a valentia, honestidade e dignidade, desfaz alguns mitos da gauchesca e mostra os estereótipos de uma classe que deteve o poder ao longo da maior parte da história do Rio Grande do Sul. (BITTENCOURT, 1999, p. 253)

A autora também fala sobre como ele percebe suas obras, quando “expressa preocupações inerentes ao seu tempo, respaldadas pelas convicções políticas e sociais, obtidas ao longo de uma vida” (BITTENCOURT, 1999, p. 77).

Em *Enquanto a noite não chega*, o autor utiliza estratégias de subjetividade, baseando sua história em recortes do passado, preservados unicamente através da memória dos personagens, colocando os fatos presentes na narrativa em uma linha tênue entre real e imaginário, possuindo uma linguagem muito própria e simbólica.

Sobre o simbolismo e o estudo dos símbolos, Jean Chevalier (2020, p.18) afirma que “transcendem o significado e dependem de interpretação, que por sua vez, dependem de predisposição, sendo carregados de afetividade e dinamismo.”

Portanto, podem ser utilizados na literatura como forma de recontar a história que está sendo apresentada de acordo com a visão do escritor sobre o símbolo utilizado na obra. Também sobre o símbolo, Oswald Wirth diz que é próprio do símbolo “O permanecer indefinidamente sugestivo: nele, cada um ver aquilo que sua potência visual lhe permite perceber. Faltando intuição, nada de profundo é percebido.” (WIRTH, 1976, p. 111. APUD CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 24). Juan Eduardo Cirlot (1984, p.10) corrobora com as ideias de Chevalier e Gheerbrant ao dizer que “o simbolismo acrescenta um novo valor a um objeto ou a uma ação, sem atentar por isso, contra seus valores próprios e imediatos ou “históricos”.

Chevalier (2020, p.18) também nos aponta que quando presentes em alguma representação o símbolo, é “muito mais que um simples signo ou sinal”. Dessa forma, na obra de Josué Guimarães, serão analisados principalmente símbolos que se relacionam ao título da obra, como *noite, preto, negro e escuro*, buscando estabelecer a relação do título com o contexto da obra, assim como entender como e qual o sentido da noite chegar e como essa chegada se manifesta através de outros símbolos presentes na obra. Para Chevalier e Gheerbrant (2020, p.713), a noite é “O sono e a morte, as ternuras e os enganos.”, por esta razão se faz necessária analisá-la junto ao contexto de outros símbolos.



### 3. ENQUANTO A NOITE NÃO CHEGA: A NOITE, AS CORES, A MORTE.

#### 3.1 A NOITE:

É o título escolhido por Josué Guimarães, para denominar uma de suas obras favoritas, como ele diz em sua entrevista ao Caderno de Sábado, do Jornal Correio do Povo (1972). De acordo com o escritor, ainda em depoimento ao Caderno de Sábado, o título é uma de suas principais preocupações enquanto escritor e surge após grande parte do enredo estar finalizado ainda no mundo das ideias. Josué só passava suas histórias para o papel quando grande parte delas já estivesse definida, algo que fazia com que ele escrevesse muito rápido, sendo que o romance analisado foi escrito em apenas 10 dias.

Muitas vezes ouvimos que não devemos julgar um livro pela capa, ou pelo seu título, mas, neste caso, é preciso julgar, atentar e analisar o título da obra, pois ele prenuncia a natureza do conteúdo presente em suas páginas. Portanto, ele não é aleatório ou, de forma alguma, algo posto ali apenas porque uma obra precisa de um título.

A composição é curiosa: *Enquanto a noite não chega*. Quais mistérios estariam na escolha das palavras empregadas para o fim de titular uma obra? Neste caso, a noite não toma a forma apenas de um fenômeno da natureza, ela é sujeito, ela é algo, ela tem um significado próprio e está ali como que nos convidando a ousar decifrá-la.

De acordo com Chevalier e Gheerbrant, (2020, p. 640) a noite simboliza o tempo das germinações, ela é rica de todas as virtualidades da existência, mas “entrar na noite, é voltar ao indeterminado”. Se pararmos para refletir, nossas convenções sociais nos alertam sobre o período noturno, devemos cuidar nossos passos, nossos gestos e nossa rotina quando o sol se põe e a lua e as estrelas tomam conta do céu.

Vemos a noite como algo perigoso, difícil de enfrentar e que demanda atenção, pois tantas são as crenças em relação a esse período, porém, no texto, ela não é apenas a noite, em sentido temporal, o período em que o dia acaba. Ela é precedida por uma conjunção, *enquanto*, que indica uma perspectiva, expectativa em relação a algo.

Ainda existem coisas para fazer, existe um tempo antes do acontecimento. Este *enquanto* deixa suspensa nossa atenção e nos atenta para que talvez ainda se tenha algo a ser realizado durante esse período de espera. O arranjo dessas palavras nos dá a ideia do que pode estar por vir adiante nas páginas do romance, mas quando?

De acordo com Josué, quando a *noite* chegar.

Não estamos falando de coisas que irão acontecer ao longo da noite ou que irão acontecer ao final do dia, mas quando a *noite chegar*. Da mesma forma que nosso inconsciente acende uma luz de alerta para o período noturno, Josué acende esse alerta para o seu leitor já no título do texto. Algo irá acontecer, não podemos dizer que este aviso vem em tom de ameaça ou é apenas um convite para que aguardemos a chegada da noite, mas o pedido de atenção, está lá, compondo as formas dispostas sobre o texto e que nos convidam a reflexão.

A definição de *noite*, no Dicionário de Símbolos de Jean Chevalier e Gheerbrant (2020), permite se alongar, definir-se em mais de uma vertente, ao que Juan Eduardo Cirlot, também em seu Dicionário de Símbolos (1984, p. 409), traz a definição da *noite* de forma sucinta, quase como uma nota de rodapé, tímida, ao final de uma página, e nos diz que ela “tem o mesmo sentido que a cor negra e a morte na doutrina tradicional.”

Comparando as duas definições, podemos acreditar que a *noite*, simbolicamente, está ligada a algo que não conhecemos, mas que sabemos existir: a morte. Este fim do ciclo vital que traz consigo tantas perguntas e mistérios e nos faz questionar nossos saberes e crenças mais profundas.

A questão, é, justamente, qual o papel desta noite, desconhecida e indefinida, proposta por Josué Guimarães em sua obra? Por que é necessário que ocorra uma espera pela sua chegada? Quais acontecimentos estão ligados a esse ato de esperar que a noite chegue pelos personagens da história?

Acredito que a obra de Josué Guimarães esteja carregada de um simbolismo próprio e, que ao ser analisado, consegue entregar o teor da obra antes mesmo de sua finalização. Além de um título intrigante, a obra possui passagens, momentos importantes para a trama, no quais o autor emprega seu talento de jornalista para deixar enigmas, que muitas vezes passarão despercebidos pelos leitores, mas que vistos mais de perto deixam uma mensagem do que está por vir.

Sobre a obra, Maria do Carmo Campos (1997) em seu texto *O poético em Enquanto a noite não chega*, corrobora com a visão tida até o momento, a longa espera é constante, não apenas no título, mas na obra inteira:

A experiência do presente narrado é mínima, segue os passos da longa espera, que antecede ao fim. Na impossibilidade de qualquer vivência mais plena, vivem o agora, que é espera e lentidão [...]. A narrativa não se configura de modo evolutivo, o leitor não tem a impressão de um suceder. Se a factualidade presente é mínima, tudo se passa, no entanto, num equilíbrio lento e vazio, assombrado não pela proximidade da morte anunciada (desejada?), mas pelas luzes de um passado vivido, prometido para a (pela) evocação. (CAMPOS, 1997, p. 85).

O *enquanto* ocorre ao apresentar a rotina dos personagens que exercem suas tarefas do dia a dia como se vivessem apenas ao aguardo de algo que está para chegar, mas que não se sabe o que é, podendo tanto ser a figura do coveiro Teodoro quanto de vendedores ambulantes que possam casualmente estar de passagem naquelas terras abandonadas há muito tempo. A espera e a apreensão estão presentes em cada passagem da narrativa que se encarrega de dar ao leitor a sensação de avançar, sem sair do lugar, como por exemplo, o infinito crocheter de dona Conceição:

A velhinha retornou ao crochê de lã preta que desenrolava de um grande novelo, engaiolado numa cesta de largas tiras de vime, e que resultara no desfazimento de um velho pulôver. No início do verão ela transformava o pulôver em novelo de lã e mal o outono chegava ao meio, suas mãos lentas começavam a tecer com paciência. (GUIMARÃES, 1999, p. 8-9)

O artesanato é feito e desfeito por várias vezes, marcando o infindo ciclo em que o casal está inserido, a eterna espera de algo desconhecido, do dia que virá, ou não.

Nesse sentido, podemos localizar o leitor ao contextualizá-lo ainda mais no formato de como a história é contada. Como Campos (1997) salienta, a presença do presente na narrativa é ínfima e pontual, a história vai para frente ao dar longos passos para trás, ela é contada através da contemplação de seus personagens, que vivem e revivem um passado que os sustenta e lhes dá o “divertimento” de cada dia. Assim, lembrar o que passou é o que, ao mesmo tempo que os leva a uma viagem de muitos anos, os faz fixar suas raízes naquela realidade inóspita na qual se encontram, assim como Josué alerta no título.

### 3.2 AS CORES:

Segundo Cirlot (1984, p. 172), o simbolismo das cores é um dos mais universalmente conhecidos e conscientemente utilizados em liturgia, heráldica, alquimia, arte e literatura, e neste caso, a simbologia das cores não ficou de fora da escrita de Josué, que as colocou de forma sutil ao longo do texto, quase como uma forma de deixá-las escondidas. Por mais que Josué tenha utilizado várias cores para dar vida a sua narrativa, aqui, chama atenção o uso dado ao preto e seus derivados: negro e escuro.

Durante a passagem já citada do crocheter de dona Conceição, além do fato da velha se preocupar em fazer e refazer sua peça de lã, a cor escolhida para o material é o preto. Poderíamos pensar que preto e branco são cores ditas “neutras”, de maior facilidade de acesso, já que o lugar está abandonado a tempo, mas seria ingenuidade pensar dessa forma, já que em outras passagens da obra onde elementos são citados, suas cores não são explicitadas, mas a do pulôver está lá, é preto.

Nesta história, o preto aparece ligado a noção de espera, a noção do *enquanto*, ele está representado no elemento que Josué escolheu para nos dar a dimensão da rotina daqueles personagens, que não executaram a tarefa de fazer e desmanchar o pulôver pela primeira vez, mas que é um ciclo constante junto a mudança de estações. Esta cor não aparece apenas ligada ao presente dos idosos, mas também em uma referência ao passado, pois está na descrição da roupa de uma das filhas, quando dom Eleutério sonha com Heloísa, falecida em 1930:

[...]Eu estava juntando gravetos o dia andava pelo meio, então nossa filha bateu no meu ombro e disse: - pai, deixe que eu faço isso, na sua idade as pessoas devem descansar em uma cadeira de balanço. [...] Eu fiquei certo que ela falava a verdade, ainda mais que estava vestida toda de preto. [...]  
(GUIMARÃES, 1999, p. 59-60)

Essa escolha para a cor das roupas foi uma das que eu acredito, serem as primeiras pistas do tom da narrativa, já que o preto, quase hegemonicamente é uma cor ligada ao luto, principalmente quando ligado a vestimenta, seja para os atos fúnebres ou que as pessoas usam para expressar sua dor. Ao analisar essa passagem pelo contexto simbólico, levo essas informações em conta, ao lembrar

que, de acordo com Chevalier (2020) a percepção do símbolo é eminentemente pessoal, não apenas no sentido em que varia de acordo com cada indivíduo, mas também no sentido que procede da pessoa como um todo.

Também presente no Dicionário de Símbolos (2020) de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant a definição simbólica do preto enquanto cor, corrobora com este sentimento, ao dizer que “O preto é a cor do luto; não como o branco, mas de uma maneira mais opressiva. [...] O luto preto, por sua vez, é, pode-se dizer, o luto sem esperança.” (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2020, p. 818)

Além do preto estar representado em partes pontuais da narrativa, ao longo da trama também podemos identificar outros elementos que vão construindo o sentido. Um deles é quando Dona Conceição alerta o coveiro sobre os cuidados que deve tomar ao andar à noite, mas não em “qualquer” noite, em uma noite *muito escura*. O que seria uma noite muito escura? Uma noite sem lua? Sem estrelas? Nublada? Na obra não estão descritas estas condições, a noite apenas está muito escura.

Ao adicionar o advérbio de intensidade, *muito*, o autor busca nos dar a dimensão da confusão e do sentimento conflitante que envolve as personagens. Elas sabem que é necessário que o amigo vá para sua casa, mas, assim como citado anteriormente, o cair do sol e a chegada da escuridão não surgem sem antes estarem precedidos de recomendações e superstições acerca do escuro. Algo de diferente passa na cabeça do casal, para que haja esta descrição diferenciada da condição em que essa noite se encontra.

Ainda na mesma passagem, após o conselho da senhora, o narrador complementa informando que seu Teodoro, o coveiro, ao sair, não apenas foi embora, ele foi engolido pelas *trevas*, validando a preocupação posta em relação ao grau de intensidade da noite:

Vá devagar seu Teodoro, a noite está muito escura, venta como se fosse o próprio fim do mundo e não há rua que esteja em condições de se andar, com pedras soltas e lixo (...) quando ele desapareceu engolido pelas trevas, dona Conceição sorriu para o marido. (GUIMARÃES, 1999, p. 41)

Para Juan Eduardo Cirlot (1984), as *trevas* apresentam a ambivalência de serem tanto uma oposição a luz, quanto também uma manifestação divina. Igualmente são descritas como o incompreensível, e para mim, torna-se quase impossível não associar a descrição de Cirlot a algo que nos é senso comum, o desconhecido para

onde vamos. Assim como dona Conceição vê seu amigo ser engolido pelas trevas e fica tomada pela incerteza, nós também somos assim quando pensamos na nossa partida ou da de quem conhecemos, o fim da vida é algo indecifrável até os dias atuais.

Além dos elementos que nos remetem as cores do ambiente, também é preciso citar a forma como dona Conceição refere-se ao vento, que está como “o próprio fim do mundo”. O simbolismo do vento abarca vários aspectos sendo um deles o de inconstância, devido a sua agitação, da mesma forma que na tradição bíblica é a forma de Deus comunicar-se, anunciando sua chegada (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2020, p. 1021), então, talvez, a senhora precise externar sua opinião acerca do vento pois o estava notando diferente, talvez um convite para uma mudança? Vale o aviso de que aqui, após essa passagem, é que começa a aflição dos dois protagonistas, pois o coveiro que os visita toda noite, após ser engolido pelas trevas, não retorna.

Para Chevalier e Gheerbrant (2020, p. 408), “Doze, é em definitivo, e sempre, o número de uma realização, de um ciclo concluído.” O romance é dividido em 12 capítulos, alguns com os nomes dos personagens e dos filhos, mas este, onde seu Teodoro some, tem como enunciado “A Morte”. Esse elemento se alia a intensidade dada a essa noite e as trevas que aparecem.

### 3.3 A MORTE

Os próximos capítulos são novamente intitulados com os nomes dos filhos do casal, mas o oitavo, coloca a *noite* em evidência pela primeira vez, ao nomeá-lo de “A noite”. Cabe ressaltar aqui, que o número oito, não estava na pretensão da análise, mas, pura curiosidade, usei pesquisá-lo em meio as obras que buscam explicar o simbólico, ao que encontrei no dicionário escrito por Chevalier e Gheerbrant (2020, p. 725) que o número oito é universalmente o número do equilíbrio cósmico e também representa um novo início de acordo com a seguinte definição:

Quanto ao Oitavo Dia, que sucede aos seis da criação e ao sabá, ele é o símbolo da ressurreição, da transfiguração, anúncio da era futura eterna. Comporta não só a ressurreição de Cristo, mas também a do homem, Se o número sete, é sobretudo, o do Antigo Testamento, o número oito corresponde ao Novo. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 727)

Para mim, se torna indispensável trazer esse detalhe, bem como, após me debruçar sobre o número oito, foi impossível não voltar ao capítulo intitulado “*A morte*”, que é o quarto. Chevalier e Gheerbrant (2020, p. 836) apontam o número quatro como símbolo do terrestre, a totalidade do criado e do revelado e que:

Essa totalidade do criado é ao mesmo tempo a totalidade do perecível. É singular que a mesma palavra shi signifique em japonês quatro e morte. Por isso, os japoneses evitam com cuidado pronunciar essa palavra; substituem-na por yo ou yon. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 836)

Assim, acredito que fique mais fácil entender onde queremos chegar, já que a partir do capítulo oito, a história ganha seus rumos por si só. Nos resta ler e apreciar o que Josué planejou para o desfecho de seu romance. É no capítulo oito, que traz o título cheio de prenúncios, que encontramos algumas passagens com uma grande carga simbólica.

Os velhos passam o dia na aflição de não receber a visita de sempre, aproveitam o tempo do enquanto, passam memorando seu passado, como de costume, e Dona Conceição, na ânsia de aliviar a agonia que vivem, faz pão. Juntando todos os ingredientes que tem em casa, utilizando as últimas porções de seus estoques de comida, um pão, que comem enquanto a noite caía de todo, uma noite, indicada pela velha como sendo cheia de presságios.

Dona Conceição nos avisa que algo está para acontecer, pois ela é capaz de perceber as mudanças na atmosfera. Ela sabe, seguindo seu instinto, que a calma da espera está para chegar ao fim e nos avisa em uma escolha de palavra eficiente, pois não é uma noite cheia de agouros, que estão ligados a sentimentos ruins, mas de presságios, que são comumente ligados a boas notícias, bons presságios, e a noite está cheia deles.

A esta altura já estamos acostumados com a noite presente em muitas passagens do romance. Por vezes, ela está lá apenas de forma a descrever o tempo; por outras, vem carregada de algo muito maior, visto que quanto mais nos aproximamos da conclusão da narrativa, maior o significado que ela toma.

A partir do momento que seu amigo não vem, o casal resolve que, ao clarear do dia, irá até a casa de Teodoro para levar ingredientes e juntos assarem um novo pão. Como sinal da necessidade de comunhão que o casal tem, mesmo sabendo do peso da idade, das dificuldades físicas e da distância que há de ser percorrida, resolvem que precisam estar lá: “–Tudo isso – disse o velho, buscando a mão da

companheira- Enquanto houver sol, enquanto a noite não chegar-. Ele notou então, que estavam muito sós.” (GUIMARÃES, 1999, p. 88)

Aqui, temos uma passagem carregada simbolicamente, além dos sentimentos expressos por dom Eleutério, Josué nos coloca em uma relação de oposição direta, algo que até então não havia ocorrido, o sol em oposição à noite, a luz em oposição a escuridão. Dom Eleutério coloca o dia como algo positivo, cheio de possibilidades, que os permitirá realizar seus planos. Esse sol que há, vem novamente preexistido pelo *enquanto*, reforçando essa inquietude de algo que está ali, à espreita, pronto para acontecer. O sol estará ali, sim, mas apenas, também, enquanto a noite não chegar.

Essa passagem reforça e personifica a ideia que o título do livro traz dessa noite enquanto sujeito de ação, porque ela é esperada, prenunciada, avisada diversas vezes, ela é temida, mas, ao mesmo tempo, é sabido que ela há de chegar. Neste caso, podemos pôr em exercício a ambiguidade com que ela vem posta na frase, os velhos têm medo dela. Enquanto noite ela é perigosa para o casal que está fraco há algum tempo, que sabe dos perigos de andar a noite na cidade, como dona Conceição já alertara antes: existe lixo espalhado, pedras soltas, buracos, que ameaçam a integridade física dos dois.

Como há também a noite do desconhecido, em seu sentido simbólico que os espreita desde o início, que os preocupa, que é a preocupação do amigo coveiro. Uma noite que não se revela, que pode chegar mesmo enquanto houver sol e for dia claro, algo que eles estão preparados, mas, mesmo assim, insistem em negar, precisam aproveitar a claridade que resta para realizarem suas tarefas, ir atrás de Teodoro.

É comovente o tom adotado por Josué neste momento da narrativa, dom Eleutério segura as mãos da esposa como em um movimento de, ao mesmo tempo que a consola, busca segurança para si, e dá-se por conta, estão tão sós, não lhes resta nada, mas também não lhes falta nada, vivem um para o outro sofrem e consolam-se juntos, passam pela aflição do fim do ciclo de mãos dadas, sendo pilar de sustentação um do outro.

Eles vão atravessando a madrugada, ao que tudo indica, longa, estão se preparando para dar um passo que não é dado há muito tempo, estão ansiosos pela quebra da rotina, recheiar com mais uma história o arcabouço que possuem e que agora, compartilham apenas entre si. Por fim, vão aguardando, mas a aflição já é maior



que a ansiedade, ao que o narrador nos conta que dom Eleutério sente o medo do dia não clarear, enquanto dona Conceição o compreende:

Depois tranquilizou o marido, ela também não estava vendo a claridade da madrugada; por qualquer motivo que não sabia explicar, tudo parecia atrasado naquele dia, como se a noite não fosse mais acabar. – Chega um dia em que a luz nunca mais chega e a noite passa a ser eterna- Disse dom Eleutério Suspirando. (GUIMARÃES, 1999, p. 94)

Os presságios de dona Conceição estão ali, ela sente que o tempo está passando mais devagar, teme que a escuridão não acabe mais e que não possam ver seu amigo. Dom Eleutério parece estar conformado, existe um dia que não chegará a luz, não se sabe quando, mas existe, dependendo apenas de quando ele há de chegar. Ao compreender essa fragilidade dos dias que vem e vão, além da ausência da luz, Eleutério sabe que existe um momento em que a noite passa a ser eterna, tem consciência do finito ciclo, ao que tudo indica, poeticamente, da vida.

Ao passo de que mesmo demorado, o dia chega, mais uma vez o casal vence a agonia da noite demorada e pesada, e celebra o nascer do sol, prontos para realizar o seu desafio pessoal de encontrar o amigo. A caminhada do casal está, mais uma vez recheada dos sinais que Josué vem deixando ao longo do livro. Dona Conceição tem medo de cobra, mas seu Eleutério garante que nem elas aguentaram o abandono da cidade. Em uma conversa nostálgica, Dom Eleutério nomeia os prédios, ou melhor, aponta para as ruínas de onde estariam os prédios e onde moravam seus conhecidos. O que me chama atenção é que aqui, durante sua caminhada até a casa de Teodoro, Eleutério jura ver amigos e familiares acenando para ele, como se estivessem ali, vivendo seu cotidiano enquanto o casal faz então, apenas uma caminhada matinal, e nesta caminhada, até mesmo a filha Heloísa, já falecida, caminha ao lado deles. Para mim, enquanto leitora, foi impossível afastar do pensamento a máxima que permeia o imaginário social, de que, quando estamos prestes a morrer, nossa vida passa inteira, diante dos nossos olhos.

Ao chegar na casa do coveiro, para surpresa do casal, encontram o amigo deitado em seu catre, débil e enfraquecido, contente ao ver que os velhos vieram a seu socorro. A escuridão está presente ao longo de toda cena, enquanto Dom Eleutério busca maneiras de opô-la com a luz que ainda existe do lado de fora, acompanhando sua esposa enquanto ela finalmente consegue acender o fogo e iniciar

o preparo do pão. Nesse momento, ela repara, que, inclusive, utilizou o último fósforo disponível, e que agora para enfrentar a noite, os dois vão ter que pegar gravetos do fogo para acendimento do lampião.

O que se passa a seguir ocorre de maneira muito sutil, a cena se compõe repleta da lírica característica de Josué, pois, mesmo se tratando de um momento difícil, o narrador apresenta ao leitor o quadro de uma maneira leve e intrigante. Primeiro, o coveiro Teodoro falece, tomando o casal de velhinhos de uma indignação frente a falha na promessa do coveiro, de enterrá-los primeiro. A partir daí, o que separa o real e o imaginário é um fino véu, que permite a compreensão apenas de quem prestar atenção.

O casal come o pão, que fica pronto, e é a primeira e única vez que somos informados que a farinha é de *trigo*. O trigo, que simboliza o dom da vida, é consumido pelos idosos como uma última homenagem. Eles não têm forças para retornar para sua casa, pois sentem muito sono. Quando dona Conceição escora a cabeça no ombro do marido:

Ela ouviu, naquele momento, um distante ruído de qualquer coisa, como patas de cavalo tarolando no chão de terra firme; logo depois o rodar de um carroção ou quem sabe de uma daquelas antigas carruagens de quatro rodas, a caleça das famílias de seu tempo de moça; na frente, ao alto um assento de encosto móvel e na parte traseira, um confortável sofá de couro, protegido por uma capota arriável. (GUIMARÃES, 1999, p. 119)

Dona Conceição chama o marido, o convida a ouvir o barulho, mas ele não houve, ela lhe pede, atenção, até que ambos são capazes de ver o vulto de um homem parado a porta, que os convida:

-Agora, podemos ir embora.  
-Para onde? – quis saber a velhinha.  
-Para casa - disse a voz.  
(GUIMARÃES, 1999, p. 120)

O vulto tem pressa em levá-los de volta para a casa antes do cair da noite e os leva até a carruagem, *negra*. Dona Conceição relembra ser igual à que os levou para a igreja quando jovens, no dia do matrimônio. Por incrível que pareça, eles não sentem

o cansaço de subir na carruagem, mas sentem-se fortes, vigorosos, como eram na juventude.

Então, dona Conceição sente surgir em seu colo, o velho álbum de família, e os dois concordam, o cocheiro era o filho Adroaldo, falecido ainda na revolução de 30. Eles estão felizes, com sorrisos em seus rostos remoçados, e neste momento: “Entrelaçaram as mãos envelhecidas pelo sol, pelo vento, por todos os gestos de carinho de um para com o outro, para com os filhos e netos, e sentiram juntos que a noite havia chegado.” (GUIMARÃES, 1999, p. 121)

A noite finalmente chega para os personagens que tanto a aguardavam ao longo da narrativa, ao contrário de seus medos, ela chega suavemente, lembrando os dois da boa vida que compartilharam, e o carinho que sentiam um pelo outro.

Josué brinda o final dessa espera, desse *enquanto*, de uma maneira tão bonita, alinhando todos os pontos da trama para entregar um desfecho comovente e que, ao mesmo tempo em que é breve, fecha todas as fendas abertas. A noite chegou, e foi recebida como uma velha conhecida, com a visita marcada já há muito tempo, mas que finalmente, encontrou o caminho de casa.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Analisar a obra de Josué Guimarães é um grande desafio, visto a gama de elementos empregados em seus livros. A escolha de *Enquanto a noite não chega*, foi, inicialmente pessoal, mas tomou grandes proporções ao longo da pesquisa. A busca por respostas, tomou o lugar de apenas apreciar a narrativa analisada.

Dentro da área de estudos dos símbolos, existem vertentes distintas, e não posso deixar de concordar com Jean Chevalier (2020, p.12) quando nos diz que “é pouco dizer que vivemos em um mundo de símbolos, mas um mundo de símbolos vive em nós.”

O estudo da simbologia nos permite abrir os olhos perante inquietações cotidianas, como no caso desta pesquisa, localizar em que pontos da história estavam elementos que nos mostrariam que a *noite* de Josué Guimarães era o retrato da morte. Não consideramos apenas os símbolos em sua forma bruta, os pusemos em um contexto e buscamos explorá-los das mais diferentes formas em que esse estudo se propõe para, por fim, chegarmos ao resultado entregue nesta pesquisa.

A morte está presente ao longo de toda a história da literatura e seu papel quase sempre possui grande impacto nas narrativas em que está inserida. Sofremos com a dor de perder personagens queridos, vibramos quando aquele que desgostamos encontra seu final. Na obra de Josué a morte nos é apresentada por trás de um lirismo surpreendente, ela emociona o leitor, ela o coloca em estado de espera *enquanto* não chega.

A *noite*, presente no título e ao longo do livro, é a personificação da morte. Além dos elementos simbólicos concretos, isto é, os que estão descritos no trabalho, retirados dos estudos formais de simbologia, assim como os elementos pessoais e de dito “senso comum”, nos dão propriedade para afirmar as intenções de Guimarães com a escrita do texto.

Mesmo que pudéssemos dizer que a *noite* e a morte traçam um paralelo inegável ao longo da narrativa, o curioso está em perceber as informações dispostas ali, de modo a colocar a prova cada dúvida e localizar elementos que corroborem para a visão do pesquisador, sendo este um momento de grande realização.

## REFERÊNCIAS:

- BITTENCOURT**, Gilda Neves da Silva. *O conto Sul-Rio-Grandense: Tradição e Modernidade*. 1. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1999.
- BOSI**, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. - 50ª ed. São Paulo: Cultrix, 2015.
- CAMPOS**, M. do C. *O poético em Enquanto a noite não chega*. In: REMÉDIOS, M. L. R. (org.). *Josué Guimarães – o autor e sua ficção*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; EDIPUCRS, 1997. p. 79-92
- CHEVALIER**, Jean; **GHEERBRANT**, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.
- CIRLOT**, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Editora Moraes LTDA. 1984
- FISCHER**, Luís Augusto. *Literatura Gaúcha*- Porto Alegre: leitura XXI, 2004. **FREUD**, S.. *Além do princípio do prazer*. In: FREUD, S.. *Obras Completas*. Trad. e org.: P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 2010. Vol. 14.
- GUIMARÃES**, Josué. *Enquanto a noite não chega*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 1999. **INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO**; *Josué Guimarães: Escrever é um ato de amor*. IEL, Porto Alegre, 2006.
- ZILBERMAN**, Regina. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-elazer/noticia/2021/01/ha-cem-anos-nascia-josue-quimaraes-autor-de-romancesinescapaveis-sobre-a-historia-do-rs-ckjbmeupc0051019wknmo6cp.html>.
- Acesso em:  
14 mar. 2022.